

lutaram os autores para serem impressos, e ver-se-á que muito há a esperar de gente que venceu tantos obstáculos. A crítica pode ser severa, mas a história tem muitos nomes a registrar. A verdade é que, a despeito de tudo, escreveu-se bastante durante os cinquenta anos que aqui se examinam. Entre romancistas, contistas e dramaturgos, foram, para este ensaio, levantadas, nas histórias literárias, dicionários biobibliográficos e catálogos de livrarias, mais de duzentos nomes. Destes, a maioria está hoje completamente esquecida, sendo que, de vários outros, só mesmo os nomes e os títulos das obras puderam ser encontrados, visto como nem na Biblioteca Nacional nem nos livreiros antiquários existem os seus livros; de outros só se acharam alguns trabalhos, nem sempre os mais elogiados no momento; ainda outros, finalmente, deixaram de ser mencionados, porque nem o mais largo relativismo histórico lhes daria lugar na literatura”(208). Era, pois, como o deserto, com os poucos monumentos sepultados pela areia do olvido. O mesmo no teatro: “Escreveu-se então muito para o teatro, representou-se bastante, mas nenhuma peça subsistiu, nem merece ser exumada”(209). Tudo isso em contraste com a fase anterior, o movimentado fim do século XIX: “Não obstante Joaquim Nabuco poder ainda classificar, sem exagero, em 1900, de ‘desocupada’ a nossa literatura, e de ‘*flâneurs*’ os nossos literatos, o certo é que, nos últimos vinte anos do século passado, as letras se revestiram de uma dignidade e de um prestígio talvez sem precedentes entre nós”(210).

Fora as grandes figuras literárias que sobrevivem à fase anterior, a chamada “geração da Academia”, e destacadamente Machado de Assis, essa fase nova é praticamente vazia, ou marcada por raros cimos isolados — Euclides da Cunha, estreando no início do século, é um deles — que contrastam com a planície que os circunda. O que caracteriza a época, no domínio da literatura, é a alienação: “Os intelectuais, que mais lucidamente perceberiam a distância entre o grande império sonhado e a verdadeira situação do Brasil, ainda mais deliberadamente se voltaram para a Europa, já não por se julgarem moralmente europeus, mas por acharem que só de lá lhes viriam ensinamentos e inspirações. A imitação, se continuava a abranger todas as manifestações da vida, muito mais intensa se fazia no domínio das letras, que já não seguiam um impulso, senão inconsciente, pelo menos apenas meio consciente, de toda a nação, e antes dela se afastavam, na medida em que a precediam na importação de figurinos.

(208) Lúcia Miguel Pereira: op. cit., pág. 19.

(209) Lúcia Miguel Pereira: op. cit., pág. 24.

(210) Lúcia Miguel Pereira: op. cit., pág. 53.